

NAKBA 77: Movimento Internacionalista em Solidariedade à Palestina ¹

NAKBA 77: Internationalist Movement in Solidarity with Palestine

Pablo Nabarrete Bastos ²
Gabryella Eloí Câmara³

Resumo: *O objetivo geral deste artigo é expor e discutir a forma como quatro das principais organizações internacionalistas da contemporaneidade utilizaram seus perfis em plataformas digitais para evidenciar o genocídio do povo palestino, apoiar a causa palestina e buscar unidade política em torno de um comum político emancipatório contra o capital em sua forma imperialista, mediante a propaganda internacionalista, anticapitalista e anti-imperialista. São as seguintes organizações analisadas: Internacional Comunista Revolucionária (ICR), incluindo a seção brasileira Organização Comunista Internacionalista (OCI), Quarta Internacional (QI), com a inclusão da plataforma de comunicação da QI World Socialist Web Site (WSWS), Via Campesina e ALBA Movimentos. Metodologicamente, utiliza-se o método dialético, pesquisa documental e bibliográfica de caráter não sistemático, com base central nos estudos sobre hegemonia e na tradição brasileira da Economia Política da Comunicação (EPC).*

Palavras-Chave: *Hegemonia. Economia Política da Comunicação (EPC). Plataformização.*

Abstract: *The overall objective of this article is to expose and discuss how four of the main contemporary internationalist organizations used their profiles on digital platforms to highlight the genocide of the Palestinian people, support the Palestinian cause, and seek political unity around a common emancipatory political agenda against capital in its imperialist form, through internationalist, anti-capitalist, and anti-imperialist propaganda. The following organizations are analyzed: Revolutionary Communist International (RCI), including the Brazilian section Internationalist Communist Organization (ICO); Fourth International (FI), including the FI communication platform World Socialist Web Site (WSWS); Via Campesina; and ALBA Movements. Methodologically, the dialectical method is used, along with documentary and bibliographic research of a non-systematic nature, based primarily on studies of hegemony and the Brazilian tradition of the Political Economy of Communication (PEC).*

Keywords: *Hegemony. Political Economy of Communication (PEC). Platformization.*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cidadania. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Professor no Departamento de Comunicação Social e no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC/UFF). Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. pablobastos@id.uff.br.

³ Graduanda em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda na Universidade Federal Fluminense. Atuou como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) em pesquisa que originou este artigo. gabryella.ec@gmail.com.

1. Introdução

O ano de 2025 marcou os 77 anos do Nakba, palavra árabe que significa catástrofe ou desastre, referente à violência sofrida pelos palestinos após a criação do Estado de Israel em 1948. No dia 15/05/1948, um dia após a criação de Israel, cinco exércitos árabes atacaram o novo país. Essa data, que marcou o início do êxodo palestino, ficou conhecida como o Dia do Nakba, termo criado em 1998 por Yasser Arafat, então líder da Palestina. A coalização árabe foi derrotada pelo novo estado em 1949. Anualmente, os palestinos se manifestam nesta data para lembrar o Nakba e protestar contra a expulsão de suas terras. Ainda antes desta guerra iniciada em 1948, aproximadamente 300 mil palestinos já haviam deixado ou sido expulsos do seu território. Durante os combates, outros 400 mil tiveram que deixar suas terras. Ao final daquela guerra, cerca de 40% do território palestino, que havia sido destinado a eles na partição da ONU realizada em 1947, foi incorporado pelo estado de Israel⁴. O Nakba tem sido relembrado na atual guerra em Gaza, iniciada com o ataque terrorista do Hamas em Israel no dia 07/10/2023, que, ato contínuo, transformou-se em prática de genocídio contra o povo palestino. Já são mais de 71.000 palestinos mortos⁵, sendo a maioria civis, com quase 70% de mulheres e crianças⁶.

O objetivo geral deste artigo é expor e discutir a forma como quatro das principais organizações internacionalistas da contemporaneidade utilizaram seus perfis em plataformas digitais para evidenciar o genocídio do povo palestino, apoiar a causa palestina e buscar unidade política em torno de um comum político emancipatório (Bastos, 2024; Bastos et al 2026) contra o capital em sua forma imperialista, mediante a propaganda internacionalista, anticapitalista e anti-imperialista. São as seguintes organizações analisadas: Internacional Comunista Revolucionária (ICR), incluindo a seção brasileira Organização Comunista Internacionalista⁷ (OCI), Quarta Internacional (QI), com a inclusão da plataforma de

⁴ Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/652115-o-que-e-a-nakba-palestina#:~:text=O%20que%20significa%20Nakba?,exterior%20permanecem%20ap%C3%A1tridas%20at%C3%A9%20hoje>. Acesso em: 30 jan. 2026.

⁵ Disponível em: <https://www.haaretz.com/israel-news/2026-01-29/ty-article/.premium/idf-accepts-gaza-health-ministry-estimate-of-over-70-000-palestinians-killed-in-the-war/0000019c-0918-dec4-adfd-fd5dde830000>. Acesso em: 30 jan. 2026.

⁶ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/quase-70-dos-mortos-na-guerra-de-gaza-sao-mulheres-e-criancas-diz-onu/>. Acesso em: 30 jan. 2026.

⁷ No Brasil, a Organização Comunista Internacionalista (OCI) foi seção brasileira da Internacional Comunista Revolucionária (ICR) de 2008 até 14 de setembro de 2025. A desvinculação ocorreu após a coleta de dados desta pesquisa. O Comitê Central da OCI explica nessa declaração de 28 de setembro de 2025 as razões de sua saída da ICR: <https://marxismo.org.br/declaracao-da-oci-sobre-a-ruptura-organizada-pelo-secretariado>

comunicação da *QI World Socialist Web Site* (WSWS), Via Campesina e ALBA Movimentos. O recorte da questão palestina não estava previsto no momento da elaboração dos projetos de pesquisa⁸ que originaram este artigo, mas durante a observação dos perfis das organizações analisadas durante os meses de março, abril e maio de 2025, evidenciou-se uma constante: o esforço no uso da propaganda engajada em um projeto de hegemonia popular (Bastos, 2023) para denunciar o genocídio do estado de Israel e apoiar o povo palestino, relacionando o genocídio com o imperialismo, o apoio material e ideológico principalmente dos EUA. Inicialmente, selecionamos 20 postagens e aqui restringimos a nossa análise às publicações mais emblemáticas, organizamos algumas em uma mesma imagem, considerando o objetivo geral e os objetivos específicos propostos.

Os objetivos específicos trabalhados em cada uma das seções são: descrever o perfil de cada uma das organizações internacionalistas, considerando as especificidades de seus projetos político-ideológicos, discutir os avanços e limites do internacionalismo em contexto de plataformização, levando-se em conta as contradições da propaganda comunista internacionalista em ambientes plataformizados, e analisar ao menos uma postagem de cada organização, que revela seu posicionamento diante da questão palestina, do Nakba. Metodologicamente, utiliza-se o método dialético, pesquisa documental e bibliográfica de carácter não sistemático, com base central nos estudos sobre hegemonia e na tradição brasileira da Economia Política da Comunicação (EPC).

2. Internacionalismo e a luta anticolonialista e anti-imperialista

Há uma premissa no pensamento gramsciano que exprime a centralidade da luta de classes em seu pensamento e na realidade, pois há sempre uma luta de “hegemonias”, o que pressupõe direções e projetos de classe antagônicos (Gramsci, 1999, p. 103). Em contraposição à hegemonia das classes dominantes, há movimentações históricas da classe trabalhadora para

internacional-da-icr/. Acesso em: 03 fev. 2026. Contudo, conforme a OCI, há uma fração menor que permanece como seção ICR Brasil.

⁸ A coleta de dados e as primeiras análises foram feitas em pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), na Universidade Federal Fluminense, em que oriento a bolsista Gabryella Eloí Câmara, a quem agradeço pela parceria. Além disso, a pesquisa sobre os movimentos internacionalistas faz parte de projetos de pesquisa que contam com os seguintes financiamentos, aos quais agradeço: Programa Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE-FAPERJ), Processo E-26/204.280/2025, Programa de Apoio ao Jovem Pesquisador Fluminense com vínculo em ICTs do Estado do Rio de Janeiro – 2024, também da FAPERJ, Processo SEI-260003/004521/2025, Bolsista de Produtividade (PQ) do CNPq Nível C, Processo 310362/2025-3.

a constituição de uma hegemonia popular, que possui como desafio central a construção da unidade na diversidade, de um comum político emancipatório (Bastos, 2024, Bastos et al, 2026). Em meados do século XX, Raymond Williams (1969) já nos alertava sobre a necessidade de construirmos uma cultura comum, por uma questão de sobrevivência, pela busca de igualdade entre os sujeitos com o objetivo de superar a desigualdade estrutural das relações de produção. A noção de engajamento com o comum que propomos (Bastos, 2024) pavimenta e sinaliza o caminho epistemológico e político, que pode viabilizar a comunicação entre diferentes formas de luta com potencial contra-hegemônico na disputa contra a hegemonia do capital, contra o “comum capitalista” (Bastos, 2024). A perspectiva internacionalista das lutas populares tem sido historicamente um elo que cristaliza a solidariedade da classe trabalhadora para além das fronteiras nacionais, como podemos observar no apoio à causa palestina. O internacionalismo é um contraponto tanto ao nacionalismo protofascista ou reacionário como à lógica também universalista do desenvolvimento capitalista.

Michael Löwy (2004, p. 97) atesta que o internacionalismo, para Marx e Engels, era concomitantemente “uma peça central da estratégia de organização e luta do proletariado contra o capital global, e a expressão de uma perspectiva humanista revolucionária”. O autor propõe que o ético e estratégico imperativo categórico, que conclui o Manifesto Comunista de Marx e Engels em 1848, “Proletários de todos os países, uni-vos!”, era naquele momento histórico um apelo visionário, pois o proletariado era minoria na maioria dos países da Europa, o que dirá no restante do mundo. Diferentemente de hoje, em que não somente o proletariado, mas o conjunto de trabalhadores assalariados explorados pelo capital ou o conjunto de suas vítimas, a gama de “pobretariados”, como diz Löwy, é ampla maioria em todo o globo e a principal força no combate ao sistema capitalista mundial (Löwy, 2004, p. 97).

A proposta de uma unidade proletária em Marx e Engels ganhou forma concreta e organizada para amalgamar a solidariedade internacionalista por meio da Liga dos Comunistas de 1847-48, depois com a construção da Associação Internacional dos Trabalhadores, fundada em 1864, que ficou conhecida como a Primeira Internacional, e depois com Engels e a sua herdeira, a Segunda Internacional. Com o início da Primeira Guerra Mundial, o internacionalismo entra em crise e é sugado pela onda nacionalista daqueles tempos em nome da “defesa nacional”. Entretanto, há um novo impulso internacionalista primeiro em pequenos círculos, depois com o grande movimento de massas da Internacional Comunista. Com a revolução russa em 1917, os trabalhadores e soldados guiados pelo Partido Bolchevique

evitaram o “colapso moral do movimento operário”, conforme avalia Perry Anderson (2005, p. 26). Com o início da Terceira Internacional, os Bolcheviques passaram a coordenar os novos partidos comunistas no mundo, que foram alavancados pela Revolução Russa.

Löwy (2004) pondera que, apesar do centralismo excessivo e do peso político do partido bolchevique, o Konintern (órgão central da Terceira Internacional) teve êxito como movimento mundial que consubstanciou o internacionalismo proletário, ao menos em seus primeiros anos. Após um período em que o internacionalismo no movimento comunista foi dominado pelo stalinismo, após a dissolução do Komintern, a principal tendência internacionalista surgida foi a Quarta Internacional, fundada por León Trotsky em 1938. O mérito de Trotsky, na análise de Löwy (2004), não foi somente o de se opor à falsificação burocrática stalinista em nome da herança comunista internacionalista, mas também de renovar a reflexão e a prática revolucionárias, com o apoio de figuras como Ernst Mandel. Duas das organizações selecionadas para a nossa análise reivindicam o legado da Quarta Internacional e se baseiam nas contribuições de Trotsky, com variações históricas que possibilitam a Bensaïd (2008) falar sobre trotskismos e as disputas sobre sua herança.

A autoproclamada Quarta Internacional ⁹ se posiciona “em defesa da auto-organização dxs exploradxs e dxs oprimidxs¹⁰, pela abolição do capitalismo e a construção do eco-socialismo” e defende reunir “organizações convictas de que tal não é possível sem uma transformação profunda e revolucionária da sociedade”. A QI está presente nos cinco continentes e conta organizações em mais de 40 países, o que inclui partidos políticos socialistas e comunistas. No Brasil, participam correntes internacionalistas do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), movimentos sociais e coligações. Conforme a organização, “Xs militantes participam na luta de classes, construindo movimentos sociais e partidos para erguer um projeto revolucionário e emancipador para o século XXI”. Os princípios fundadores da QI são a democracia, na perspectiva de que a emancipação da classe trabalhadora será obra dos próprios trabalhadores, e o internacionalismo, “o socialismo será internacional ou não será”.

A Internacional Comunista Revolucionária (ICR) é decorrente da Corrente Marxista Internacional (CMI), a *International Marxist Tendency*, responsável pelo site *In Defense of*

⁹ Disponível em: <https://fourth.international/pt-pt/166>. Acesso em: 02 fev. 2026.

¹⁰ Chama a atenção o uso do “pronomes neutro”, com o uso da letra “x” substituindo os artigos “o” e “a”, o que já havíamos observado nas comunicações da Via Campesina (Bastos, 2022), e que denota a força política dos debates sobre gênero nessas organizações e a perspectiva sobre o poder do discurso no encaminhamento dessas pautas.

Marxism (marxist.com e marxismo.org.br). O site, mesmo título de revista impressa e digital, com versão em português, foi lançado em 1998 e se tornou relevante fonte de formação marxista. A conferência de lançamento desta nova Internacional ocorreu no dia 15/06/2024, após uma semana de debates na Itália, com a presença de 500 militantes, além da participação online de quase 8.000 pessoas de mais de 120 países. Eles se apresentam como uma organização revolucionária¹¹ que possui o objetivo de organizar a classe trabalhadora e a juventude pela derrubada do capitalismo e construção de um “futuro socialista para a humanidade”. No Brasil, a ICR teve como seção brasileira, de 2008 até 14 de setembro de 2025, a Organização Comunista Internacionalista¹² (novo nome da Esquerda Marxista¹³), que se apresenta como “uma associação voluntária de militantes que luta pela derrubada do capitalismo e a edificação de uma sociedade socialista em todo o mundo, para a construção do futuro comunista da humanidade”. Atualmente, a ICR possui seções completas em 26 países, com o maior número de militantes no Reino Unido, sendo mais de 100 seções e 1,2 mil integrantes. Cabe aqui um breve relato etnográfico de como me aproximei da ICR e a incluí em meus projetos de pesquisa.

Ainda no meu primeiro mês como professor visitante desenvolvendo pesquisa de pós-doutorado no CAMRI (*Communication and Media Research Institute*), na Universidade de Westminster, em Londres, no mês de março de 2024, eu me deparei com alguns jovens vendendo o jornal *The Communist* (*O Comunista* na versão em português), na saída do metrô da estação Bermondsey, em Londres. Eles não estavam apenas vendendo o jornal, estavam realizando uma ação contundente de agitação e propaganda. Eles interpelavam as pessoas perguntando *Are you a communist?* (Você é um comunista?) e conversavam sobre as notícias da semana publicadas no jornal *The Communist* com eloquência, em perspectiva marxista. A cena toda me chamou a atenção e fui conversar com eles. Comprei o jornal e troquei contato. Na semana seguinte comecei a participar das reuniões semanais de um pequeno grupo, que se reunia em um espaço no *King's College*, tradicional universidade londrina, para discutir textos de formação marxista, trotskista, além de estratégias para arregimentar novos militantes para o

¹¹ Disponível em: <https://marxist.com/the-imt/international-marxist-tendency/the-imt.htm>. Acesso em: 04 fev. 2026.

¹² Disponível em: <https://marxismo.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 04 fev. 2026.

¹³ A então Esquerda Marxista, seção brasileira da Corrente Marxista Internacional, realizou o seu 8º Congresso Nacional nos dias 4 e 5 de novembro de 2023, quando adotou importantes resoluções, como a mudança de nome da organização para Organização Comunista Internacionalista (OCI) e a saída do PSOL.

grupo. Pude participar do lançamento do *Revolutionary Communist Party* (Partido Revolucionário Comunista, na tradução para o português), naquele momento a seção britânica da CMI, de 03 a 06 de maio de 2024, no leste de Londres, em uma semana de intensos debates. E no dia 15/06/2024, participei junto a um grupo de militantes de Londres do evento de lançamento online da ICR.

Chama bastante a atenção o valor dado às atividades de comunicação da organização, que possui jornal impresso semanal, revista mensal, site, podcasts e intensa produção de conteúdo no Instagram e em outras plataformas digitais, sempre com o intuito de formar e organizar a luta comunista, com foco na juventude. Durante o período, pude participar junto ao grupo de manifestações massivas de apoio à causa palestina, no centro de Londres. Uma observação importante desse processo de engajamento com o RCP e a ICR em Londres é o valor da agitação e propaganda no espaço público em articulação com a elaboração de meios de comunicação para a formação e organização teórica e política. Se eles não estivessem fazendo esse trabalho em um espaço público, se eu dependesse do *feed* do meu Instagram, eu não teria conhecido e me engajado com esses jovens comunistas britânicos.

A Via Campesina e a ALBA são organizações distintas das anteriores por se configurarem como redes internacionalistas de movimentos sociais populares. Ambas as entidades se aproximam em defesa da soberania alimentar e possuem forte atuação na América Latina. De maneira sucinta, podemos definir soberania alimentar como uma necessidade dos povos e um direito dos povos de decidir sobre sua própria política agrícola e alimentar (Stédile; Carvalho, 2017). Pesquisamos ambas as organizações tanto em sua comunicação midiaticizada e plataformizada, como no trabalho de formação, organização e articulação política desenvolvido na Escola Nacional Florestan Fernandes, espaço de formação política do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e centro do internacionalismo desde a América Latina (Bastos et al, 2024, 2026). No Brasil, o MST é movimento integrante de ambas as entidades.

A Via Campesina é um movimento que coordena organizações camponesas de pequenos e médios agricultores, trabalhadores agrícolas, mulheres rurais e comunidades indígenas e negras da Ásia, África, América e Europa, unidos pelo vínculo estreito com a terra (Desmarais, 2013). A ideia inicial de uma organização mundial de camponeses se desenvolveu em abril de 1992, em Manágua (Nicarágua), quando vários líderes camponeses da América Central, América do Norte e Europa foram convidados para o Congresso da Unión Nacional

de Agricultores y Ganaderos (UNAG). A oficialização da Via Campesina ocorreu um ano depois em Mons, na Bélgica, em encontro com 55 organizações camponesas de 36 países (Vieira, s/d). Atualmente, é composta de 180 organizações em 81 países.

A Articulação dos Movimentos Sociais na ALBA é uma proposta de integração continental anti-imperialista, anti-neoliberal e anti-patriarcal, promovida por movimentos de base social organizada e com capacidade de mobilização popular, que lutam pela igualdade, liberdade e emancipação autêntica da região¹⁴. A Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América (ALBA) foi criada por Hugo Chávez e Fidel Castro em 2004 como uma alternativa de integração governamental e econômica, solidária e anti-imperialista em contraposição à Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), lançada e promovida pelos EUA em 1994. A ALBA Movimentos tem suas raízes no projeto de Castro e Chávez, mantendo uma relação de complementariedade enquanto preserva sua independência e autonomia, desde a sua criação em 2007. Defende a integração da Nossa América e reúne mais de 400 organizações em 25 países. De 16 a 20 de maio de 2013, aconteceu na ENFF a primeira Assembleia Continental dos Movimentos Sociais da ALBA, na qual definiram como horizonte social o socialismo indo-afro-americano, em clara influência do projeto epistemológico e político do marxista peruano José Carlos Mariátegui (2011), com a inclusão da população de origem africana, a maioria da classe trabalhadora brasileira, historicamente e estruturalmente oprimida e explorada (Bastos, 2021).

3. Desafios e contradições da propaganda internacionalista em contexto de plataformização

Os revolucionários comunistas russos foram pioneiros em formular uma teoria da propaganda moderna, no início no século XX. Para os bolcheviques, com destaque para as formulações teóricas e a liderança de Lênin, a propaganda possuía função na organização do movimento político, na mobilização, e seria refinada com a conquista do Estado e construção de nova ordem social (Rüdiger, 2015). Contudo, é possível afirmar que o próprio Marx tenha sido pioneiro no uso da imprensa e de outros meios e linguagens, como o livro *Manifesto Comunista*, escrito junto a Engels e encomendado pela Liga dos Comunistas, como ferramenta de propaganda comunista. A chamada para a ação “Proletários de todos os países, uni-vos!”

¹⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/albamov>. Acesso em: 29 jan. 2020.

encerra o Manifesto Comunista (Marx; Engels, 2001) e outros documentos, como a mensagem inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores (Marx, 2007), a Primeira Internacional. Mas Foi Lênin (1978) quem desenvolveu conceitualmente a noção de agitação¹⁵ e propaganda, no livro *Que fazer?*, publicado em 1902, que posteriormente influenciou Gramsci e outros teóricos e movimentos revolucionários. Lênin e Gramsci compreendem o uso da propaganda como ferramenta para engajar os sujeitos em um projeto de hegemonia popular (Bastos, 2025).

O trabalho de agitação e propaganda seria o caminho estratégico para fazer as revelações políticas e desenvolver a consciência política junto à classe trabalhadora. Lênin destaca a função de diferentes veículos de comunicação para a agitação e propaganda da teoria revolucionária, como o *Iskra*, *Zária*, dentre outros (Braz, 2015). Em diálogo com Plekhanov, Lênin apresenta algumas distinções preliminares entre as tarefas de agitação e propaganda. A princípio, a agitação envolve um trabalho de comunicação mais próximo das massas, com o uso da oratória, de discursos públicos para uma ampla audiência. Já a propaganda exige maior profundidade de análises teóricas, da comunicação, e o uso de diferentes meios para engajar o público, como jornais, panfletos e revistas. Contudo, Lênin acaba chegando à conclusão de que essa distinção não faz muito sentido, pois tanto o apelo junto às massas como a teoria estão nos trabalhos dos agitadores e propagandistas, são tarefas complementares (Bastos, 2025).

O revolucionário russo expõe a sua compreensão do processo de constituição da “consciência política verdadeira”, que se relaciona com a aplicação do critério materialista a todas as formas de atividade e vida de todas as classes, ao uso do método materialista dialético para compreender como o particular se relaciona com a totalidade e se indignar com todas as formas de opressão. Para o autor, a consciência de classe operária não pode ser verdadeira se não houver reação contra toda e qualquer forma de abuso, arbitrariedade, opressão e violência, “*quaisquer que sejam as classes atingidas*” (Lênin, 1978, p. 55, grifo do autor). Quando observamos a solidariedade do movimento internacionalista com a causa palestina, articulada a uma crítica anticapitalista e anti-imperialista, podemos enxergar a constituição da consciência política verdadeira leninista. Gramsci vai se apropriar da teoria leninista sobre hegemonia e propaganda para desenvolver as suas reflexões à luz dos desafios enfrentados para encaminhar a revolução socialista nas primeiras décadas do século XX, na Itália. Para o revolucionário

¹⁵ Acerca do debate sobre agitação, Lênin teve influência do texto “Sobre a agitação”, de Arkadi Kremer e Júlio Martov, publicado originalmente em 1893.

sardo, a consciência política é a consciência de compor determinado grupo social e determinada força hegemônica (Gramsci, 1966), o que implica unidade e solidariedade de classe, como também podemos observar em relação à causa palestina.

Outra corrente de estudos marxista que contribui para o nosso debate sobre propaganda é a tradição brasileira da Economia Política da Comunicação (EPC), que situa a temática a partir da forma social da comunicação e de suas funcionalidades. Tendo como objeto a Indústria Cultural como estrutura de mediação social, Bolaño (2000) identifica a função publicidade, relacionada aos capitais individuais e à acumulação capitalista, a função propaganda, que envolve controle social e reprodução ideológica, mais diretamente vinculada ao Estado, e a função programa, cuja produção simbólica criada pelos trabalhadores culturais é o sumo da valorização econômica e atende a valores de uso, aos interesses de consumo do público. A partir da tradição brasileira da EPC, os *media*, sob a máscara de garantia de igualdade e liberdade, ocultam a desigualdade fundamental e estrutural do caráter de classe da informação no trabalho produtivo. A igualdade do acesso é a face aparente da desigualdade dos processos produtivos. Bolaño (2000) denomina como propaganda essa forma eminentemente ideológica da informação, que esconde o caráter de classe da informação e da comunicação no capitalismo.

Mais recentemente, a EPC se volta para a compreensão das plataformas digitais como estrutura de mediação social característica do atual estágio de desenvolvimento capitalista (Bolaño; Barreto; Valente, 2022), quando emerge a função interação (Figueiredo; Bolaño, 2017), que possibilita o refinamento na produção da mercadoria audiência e colonização do mundo da vida, conforme os termos habermasianos utilizados pelos autores, com eficácia antes impensável. Na análise da Indústria Cultural, Bolaño (2000) já revelava a tendência da forma funcional publicidade se tornar progressivamente hegemônica, confirmando a tese da lógica expansionista do capital. Contudo, com a consolidação das plataformas digitais como estruturas de mediação social hegemônicas no atual estágio de desenvolvimento capitalista, há novos elementos a se investigar. As plataformas de mídias sociais possuem na publicidade seu principal negócio, que por sua vez é dinamizada e catapultada pela propaganda ideológica, incluindo o próprio discurso das plataformas e seus principais executivos (Bastos, 2026). E tanto a publicidade como a propaganda são consubstanciadas e dinamizadas por meio da função interação. Para Dourado Bastos, Souza e Fusaro (2023), com a refuncionalização da dinâmica da Indústria Cultural diante da incorporação das plataformas digitais, estabelece-se a

“confusão” entre função propaganda e função publicidade. Bolaño (2000) já abordava essa tendência de confusão entre publicidade e propaganda na Indústria Cultural, característica que é acentuada em contexto de plataformação. A contradição entre o tornar público e as restrições da comunicação é aspecto resolvido por meio da forma funcional interação (Dourado Bastos; Souza e Fusaro, 2023). Para os autores, a reorganização da função publicidade a partir da especialização e segmentação faz explodir o caráter reacionário da função propaganda.

Figueiredo e Bolaño (2017) identificam e expõem a funcionalidade interação como a principal particularidade das plataformas digitais, com relação ao modelo proposto por Bolaño (2000) para a análise da Indústria Cultural. Com a forma funcional interação há aprofundamento da colonização do mundo da vida, o que é viabilizado pela estrutura técnica de vigilância quase total dos usuários. A estrutura da Indústria Cultural e seu sistema de radiodifusão, assim como a subsunção do trabalho intelectual e cultural, cuja face sensível se expressa nos processos produtivos, nas relações de produção que consubstanciam a função programa, permanecem. Contudo, as plataformas digitais amiúde protagonizam o lugar privilegiado como estrutura de mediação social, com destaque para as plataformas de mídias sociais. A lógica publicitária dominante nessas ambiências cria um regime tecnoestético que afeta a comunicação plataformação e o trabalho intelectual com comunicação de maneira geral.

O que Bolaño (2000, p. 262) define a partir do sistema de radiodifusão como “padrões estéticos concorrentes” é resultado da equação entre a articulação de interesses dos capitais individuais, dos anunciantes, incluindo o Estado, e agências de publicidade. Esse processo constitui um “regime tecnoestético” a partir do qual se realiza a “reprodução ampliada do capital simbólico”. Podemos falar também de um regime tecnoestético que rege e materializa a produção e circulação de conteúdo no contexto das plataformas de mídias sociais. Esse padrão também é definido hegemonicamente pelas próprias empresas proprietárias das plataformas em consonância com as agências de publicidade, além de intermediários de menor porte ou mesmo trabalhadores da comunicação que prestam assessoria ou consultoria para pequenos e médios anunciantes. Essa lógica hegemônica se espalha e se consolida como regime tecnoestético, mesmo em conteúdos produzidos com finalidade popular e comunitária (Bastos et. al, 2024), o que denota a hegemonia da forma funcional publicidade na conformação desse regime tecnoestético das plataformas digitais. A confusão se estabelece não somente entre publicidade e propaganda, mas também com a função programa e a interação, tornando difícil

discernir os limites (Bastos, 2026). De toda maneira, há limites e contradições estruturais para o uso desses espaços para a propaganda internacionalista, que se relacionam com o próprio modelo de negócio e sua lógica de mediação algorítmica, caracterizada em grande medida pela fusão entre democracia e capitalismo (Dean, 2005).

4. Movimento Internacionalista e o Nakba 77

A comunicação desenvolvida pelas organizações internacionalistas em seus perfis nas plataformas de mídias sociais busca se adequar ao funcionamento e *affordances* dessas ambiências, incorporando o padrão tecnoestético da publicidade digital. Contudo, a comunicação dos movimentos internacionalistas vai muito além de sua forma plataformizada, pois também é realizada em outros meios e espaços, de fato dialógicos e democráticos. Esses movimentos se organizam por meio de coordenações, secretarias, comitês, congressos, assembleias e conferências (de amplitudes internacional, continental, nacional, regional e territorial) e pela composição de institutos, escolas itinerantes, acampamentos e demais espaços de formação, promovendo a autonomia dos movimentos de base em suas singularidades, ao mesmo tempo em que reforçam a luta em frente única.

A Via Campesina, por exemplo, articula ações online e presenciais orientando a participação de seu público, através de chamadas para manifestações e pedidos de ajuda com tradução, voluntariado, produção de mídia, produção artística e doações, e possui um calendário anual de campanhas e mobilização de protestos que abrangem algumas de suas reivindicações centrais: Dia Internacional da Mulher, das Lutas Campesinas, de Ação contra a Organização Mundial do Comércio e os Tratados de Livre Comércio, de Ação pela Soberania Alimentar dos Povos e contra as Empresas Transnacionais, de Eliminação da Violência contra a Mulher e de Ação contra os Agrotóxicos. A ALBA Movimentos assume o compromisso de repensar suas formas e lógicas de comunicação “incorporando de forma crítica, porém efetiva, as novas ferramentas tecnológicas e comunicacionais à disposição” (ALBA Movimentos, 2022, p. 14).

A Quarta Internacional, em resolução adotada no 12º Congresso Mundial realizado em janeiro de 1985, defende a expropriação dos meios de produção, incluindo a liberação dos meios de comunicação de massa como um caminho eficaz de eliminar a influência ideológica

do capitalismo, que desarma a massa dos trabalhadores¹⁶. A QI possui a revista mensal online *International Viewpoint*¹⁷, disponível gratuitamente em língua inglesa, que conta com correspondentes em mais de 50 países e domínio próprio. No dia 30/08/2025 foi lançada a versão em português da *Imprecor*¹⁸, que se apresenta como “uma publicação irmã da *International Viewpoint*, em inglês, da *Alomamia*, em árabe, e da *Inprecor* francesa, uma publicação com 40 anos de tradição”. A proposta central é disponibilizar ao leitor brasileiro uma “visão marxista não dogmática dos grandes acontecimentos e debates teórico-políticos que sacodem o planeta, os movimentos sociais e a esquerda em particular”. O Diretor de Redação é o conhecido autor marxista Michael Löwy, referência deste artigo. Há relatos de lutas populares, análises das conjunturas e debates que diz estarem “moldando a esquerda do amanhã”. Os artigos são publicados individualmente, tendo suas tiragens organizadas por meio de hiperlinks, e livres de *paywalls*. Em página que redireciona o acesso aos arquivos do movimento, consta que a revista é publicada desde 1982¹⁹. A presença da QI em plataformas é limitada, com páginas e perfis apenas no Facebook, no X/Twitter e no Telegram. No entanto, o *World Socialist Web Site*, criado pelo Comitê Internacional da Quarta Internacional, com conteúdo também em português²⁰, apresenta intensa produção editorial no site e em plataformas de mídias sociais.

A Internacional Revolucionária Comunista, assim como a Organização Comunista Internacionalista, equilibra o uso das plataformas de mídias sociais com a publicação de jornais e revistas. Atualmente a OCI produz a revista teórica *América Socialista – Em Defesa do Marxismo* e os jornais *O Comunismo*, *Tempo de Revolução*, *Foice & Martelo* e *Luta de Classes*. Tanto para a ICR como para a OCI, a produção editorial impressa é um modo de arrecadação coletiva usada para financiar o movimento. A revista teórica *América Socialista – Em Defesa do Marxismo*, por exemplo, é de produção semestral e vendida pela Livraria Marxista (ou por militantes) pelo valor mínimo de R\$ 60, sendo ofertada a compra solidária por até R\$ 200 reais. Sua primeira publicação foi em abril de 2009 e não é disponibilizada para leitura gratuita, sendo caracterizada como campanha financeira. Historicamente, junto de uma seleção de textos nacionais, a revista reunia uma seleção de textos da revista *In Defense of*

¹⁶ Disponível em: <https://fourth.international/pt-pt/congres-mondiaux/537/51>. Acesso em: 09 mar. 2025.

¹⁷ Disponível em: <https://internationalviewpoint.org/-IV-Online-magazine->. Acesso em: 03 fev. 2026.

¹⁸ Disponível em: <https://inprecor-br.org/>. Acesso em: 03 fev. 2026.

¹⁹ Disponível em: <https://fourth.international/en/129>. Acesso em: 10 mar. 2025.

²⁰ Disponível em: <https://www.wsws.org/pt>. Acesso em: 03 fev. 2026.

Marxism (publicação teórica da Internacional Comunista Revolucionária). A partir da 26ª edição, no entanto, usa QR Codes para disponibilizar para seus leitores acesso integral aos textos da *In Defense of Marxism*. Já o jornal mensal *O Comunismo*, lançado em maio de 2024, a versão mais recente e as cópias impressas precisam ser adquiridas de um militante pelo valor de R\$ 5, ou por meio de assinatura anual no valor de R\$ 100, e as edições anteriores são disponibilizadas gratuitamente em PDF.

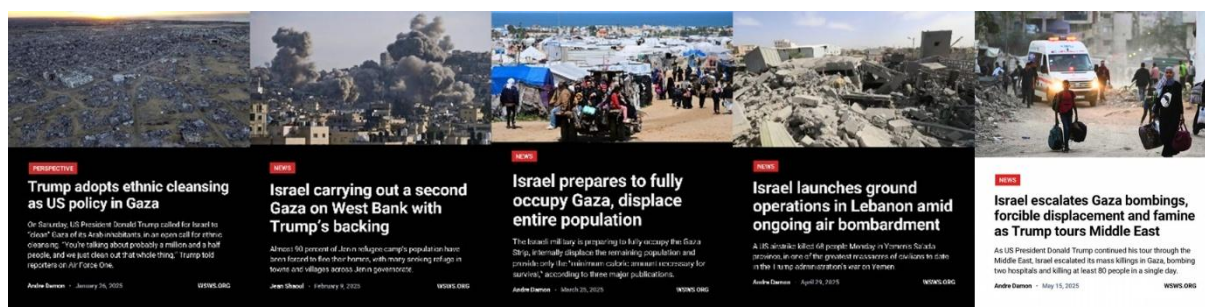
Nossa pesquisa abrange quatro movimentos internacionalistas, no entanto, seis perfis/páginas foram observados. A Via Campesina possui perfis nacionais e continentais, mas estudamos apenas o principal. A ALBA Movimentos possui apenas um. Quanto à Corrente Marxista Internacional, estudamos o perfil brasileiro, representado pela OCI, e o perfil internacional, representado pela Internacional Comunista Revolucionária. A OCI e a ICR possuem domínio de website equivalentes (marxismo.org e marxist.com) e são as únicas que disponibilizam formulários online para a inscrição de novos membros. Nas demais entidades, a filiação ocorre de forma coletiva, pela organização social. No perfil da Quarta Internacional não há menção ao *World Socialist Web Site* (WSWS), que também possui perfis em plataformas de mídias sociais, inclusive no Instagram, onde não há perfil oficial da Quarta Internacional. No entanto, o WSWS é publicado pelo Comitê Internacional da Quarta Internacional e se define como representante da sua continuidade histórica. Evidenciamos, a seguir, um panorama da presença digital dos movimentos estudados.

Para esta análise, selecionamos ao menos uma postagem de cada organização. Cada uma delas se destaca em uma plataforma diferente, então a seleção foi feita ao redor do tema da Palestina, independentemente da plataforma digital utilizada. Os padrões tecnoestéticos são relevantes funcionalmente porque, se não adotados, há o risco do conteúdo ser invisibilizado, a ofuscação algorítmica da publicação, dificultando a efetivação do processo comunicacional e diminuindo as chances de promover o engajamento com determinada ideologia emancipadora (Bastos, 2020). Por outro lado, a lógica publicitária hegemônica apresenta consequências para a visibilidade de conteúdos críticos, anticapitalistas e anti-imperialistas.

Há confusão e contradição entre a publicidade comercial e a propaganda ideológica crítica. Busca se alcançar um padrão tecnoestético na forma, atendendo à lógica publicitária, enquanto se busca formular e circular a propaganda a favor da causa palestina, dentre outros conteúdos que se contrapõem aos interesses econômicos das plataformas de mídias sociais, a maioria delas estadunidense, país que é o maior aliado e financiador do genocídio de Israel contra o

povo palestino. As postagens selecionadas para representar a WSWS e a Internacional Comunista Revolucionária são notórias em sua adequação ao padrão tecnoestético vigente. Para as postagens no Instagram, a WSWS adota como formato o uso de imagens de impacto em conjunto com texto estilizado como manchete de jornal (figura 1). É possível que o alto volume de publicações acarrete em limitação da visibilidade e das interações. A postagem do dia 15 de maio, dia do Nakba, a última imagem à direita, aborda o aumento dos bombardeios por parte de Israel, a participação e influência de Trump nos acontecimentos.

Figura 1 - Formatação das postagens da WSWS



Fonte: @worldsocialistwebsite no Instagram

Construindo o discurso de forma semelhante, a Internacional Comunista Revolucionária emprega a habilidade de seus criativos na edição de vídeo no TikTok. Selecionamos frames de um vídeo com menos de dois minutos de duração que começa com um fundo vermelho e a frase “a loucura do imperialismo... em 60 segundos”. É um vídeo composto por um diálogo acalorado entre Fred Weston (integrante da ICR) e um jornalista conservador. É composto por três elementos: na metade de cima da tela está aqueles que dialogam, no meio está o que é dito (em letras garrafais) e na metade de baixo da tela está uma sequência de vídeos de conteúdo sensível (como bombeamentos e crianças feridas)²¹. O objetivo do vídeo é criar contraste entre o discurso imperialista e a realidade palestina (figura 2). A característica do vídeo curto, composto por ao menos três elementos visuais simultâneos sinaliza a adoção de padrão tecnoestético voltado para o público com *attention spam*, ou limiar de atenção em tradução livre, uma característica decorrente do consumo de vídeos curtos do TikTok e do Reels, do

²¹ Disponível em: https://www.tiktok.com/@revcomintern/video/7425304800683674913?_r=1&t=ZM-8wnB8ERq40b. Acesso em: 28 maio 2025. O vídeo obteve 30 curtidas, três comentários, seis pessoas salvaram e 10 compartilharam.

Instagram²². É possível observar o uso de variedade e excesso de estímulos para captar a atenção.

No Instagram, a Organização Comunista Internacionalista fez a postagem de um vídeo de uma manifestação de rua em apoio a Palestina que aconteceu em São Paulo, no dia 19/05/2025, e de uma imagem com objetivo de contextualização histórica, marcando o dia do Nakba (figura 3), em 15/05/2025, que redireciona para um artigo escrito por Serge Goulart, publicado originalmente há sete anos em seu site²³. Os conteúdos coadunam com as postagens da Quarta Internacional e da ALBA Movimentos, refletindo convergência nas reivindicações populares a favor da causa palestina. A legenda do post sobre o Nakba é a seguinte:

Hoje completam-se 77 anos da Nakba (termo que significa, em árabe, “a catástrofe”), como é conhecida a tragédia que atingiu o povo palestino com a criação do Estado de Israel em 1948. A data marca o início do deslocamento forçado de centenas de milhares de palestinos de suas terras e casas. Para lembrar esse dia, republicamos um artigo de Serge Goulart, publicado originalmente há sete anos. 📖 Leia em marxismo.org.br (link na bio).

Figura 2 - Formatação do vídeo da ICR



Fonte: @revcomintern no Tik Tok

²² Disponível em: <https://tutodigital.com.br/blog/attention-span-tiktok-esta-afetando-nossa-capacidade-de-atencao/>. Acesso em: 12 fev. 2026.

²³ Disponíveis em: <https://www.instagram.com/p/DJr8AQzyaWC/> e <https://www.instagram.com/p/DJ2U24PSeWx/>. Acesso em: 28 maio 2025. O vídeo obteve 108 curtidas e dois comentários, enquanto que o post do Dia do Nakba obteve 132 curtidas e um comentário.

Figura 3 – Post da OCI em memória ao Nakba

Fonte: @oci.comunista no Instagram

O padrão tecnoestético também segue a lógica publicitária dominante. Neste caso, há uma imagem única, chamada no jargão publicitário de card, com um título abaixo e o logo da OCI centralizado. A legenda também segue o padrão: texto curto, com uso de emoji e *Call to Action* (CTA) no fim, chamando o usuário a ler o artigo no site da OCI. O vídeo também utiliza letras garrafais para destacar o que é dito, mas a fonte não é a mais adequada e não há sincronização dinâmica – em todo o vídeo não foi feita edição com o propósito de capturar a atenção. Quanto ao conteúdo, em meio à manifestação, mostra a fala de um militante da OCI, breve e concisa, que expõe reivindicações do movimento ao governo brasileiro, como o fim do genocídio e o rompimento com o governo de Israel, em conformidade com as pautadas defendidas pela ALBA Movimentos, demonstrando efetividade da proposta de ação em frente única. Não é feita menção direta a ALBA em nenhuma das postagens, mas os acontecimentos se alinham. A manifestação de rua, inclusive, pode ter sido uma resposta ao chamado da ALBA para o Dia Internacional de Ação em Solidariedade com a Palestina. O evento de solidariedade

internacional foi intitulado de Nakba 77, já que 15 de maio é o dia em que se completaram 77 do Nakba.

Figura 4 – Chamada para o Nakba 77



Fonte: Montagem a partir de @albamov no Instagram e Facebook

Quanto aos padrões tecnoestéticos que governam essa publicação, queremos dar atenção para como os criativos adaptaram uma mesma mensagem para plataformas diferentes, adequando o conteúdo ao padrão de plataformização, de governança de cada uma delas, que possuem distintas affordances e condicionamentos tecnoestéticos, conquanto todas sejam regidas pela lógica hegemônica da publicidade digital. No Twitter, o texto foi dividido e a sequência de imagens publicada no formato de *thread*, uma por vez. No Instagram²⁴, o texto é postado completo e a sequência de imagens no formato carrossel. No Facebook, as imagens se adequaram ao formato galeria (a primeira maior e as seguintes menores, completando um quadrado, última imagem à direita). Importante notar que o texto da imagem está em tamanho que permite a leitura mesmo sem abrir a imagem.

A Quarta Internacional, através da *International Viewpoint*, desenvolve e aprofunda a análise ao localizar historicamente a origem da questão da Palestina, ao expor a conjuntura na história recente e evidenciar o papel dos Estados Unidos, dando nome ao que de fato ocorre: a tentativa de “limpeza étnica” do povo palestino. A QI menciona que o Nakba não acabou, mas está sendo posto em continuidade. A Via Campesina também contextualiza o Nakba (figura 5) ao mencionar o uso da fome como meio para o genocídio, denunciando as toneladas de alimentos provenientes de ajuda humanitária que se encontram presas na fronteira de Gaza, uma ajuda humanitária impedida de chegar a quem precisa. Na montagem abaixo, expomos o

²⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DJou7p9OcJD/>. Acesso em: 12 fev. 2026. A postagem possui 422 curtidas e cinco comentários.

post da organização no dia do Nakba, em formato de carrossel, com três cards de mesmo conteúdo, com cores distintas, respectivamente em inglês, espanhol e francês, que visa a circulação internacional do conteúdo. O objetivo central é denunciar o uso da fome como genocídio e mobilizar campanha para uma ação de jejum global entre os dias 19 e 30 de maio em solidariedade aos palestinos. Há redirecionamento para conteúdo mais aprofundado no site. A legenda em português é ²⁵:

#LaViaCampesina PS 🌍 🗳️ 📢 **Ação contra o uso da fome como genocídio na Palestina** - O Comitê da União dos Trabalhadores Agrícolas na Palestina lançou um apelo para a realização de Semanas Globais de Jejum em solidariedade ao povo de Gaza entre 19 e 30 de maio de 2025. <https://viacampesina.org/en/2025/05/urgent-appeal-global-action-against-the-use-of-starvation-as-genocide-in-palestine/>

Figura 5 – Campanha da Via Campesina contra o uso da fome como genocídio em Gaza



Fonte: @la_via_campesina_oficial no Instagram

Também podemos observar o padrão tecnoestético da publicidade digital, tanto nos cards como na legenda. Nas imagens, a diagramação destaca os dias propostos para a campanha e o título. Há uso do logo no canto superior direito, como é o padrão publicitário. A legenda também destaca a campanha e a sua iniciativa feita pelo Comitê da União dos Trabalhadores Agrícolas na Palestina, integrante da Via Campesina, para a realização de Semanas Globais de Jejum em solidariedade ao povo de Gaza. Um último elemento digno de nota é a coleção de Stories de nome “Palestina”, em destaque no Instagram da Via Campesina, que contém mais

²⁵ Traduzido pelos autores. O original em inglês é: #LaViaCampesina PS 🌍 🗳️ 📢 **Action Against the Use of Starvation as Genocide in Palestine** - The Union of Agricultural Workers' Committee in Palestine has launched an appeal to carry out Global Weeks of fasting in solidarity with the people of Gaza between 19-30 May 2025. <https://viacampesina.org/en/2025/05/urgent-appeal-global-action-against-the-use-of-starvation-as-genocide-in-palestine/>.

de 70 reposts de publicações de incontáveis movimentos de base, demonstrando a contribuição coletiva para publicizar os acontecimentos e, assim, buscar influenciar e engajar a opinião pública.

5. Considerações finais

A pesquisa revela os desafios prementes para a articulação internacionalista em contexto de plataformização. Ainda que a lógica hegemônica deste processo atenda aos interesses de acumulação capitalista, cujo negócio central é a publicidade digital, as organizações analisadas buscam ocupar esses espaços e circular suas lutas. A adoção de um padrão tecnoestético de caráter publicitário implica o trabalho intelectual em comunicação, sendo necessário conhecer e se adequar a essa lógica para alcançar visibilidade. Entretanto, como pudemos observar nos exemplos analisados, o conteúdo desenvolvido é crítico e articulado aos princípios das organizações internacionalistas.

A noção de propaganda é emblemática acerca das distinções e complementaridades entre as abordagens da hegemonia e da EPC. Enquanto nos estudos clássicos de hegemonia, a propaganda é uma ferramenta para a construção e difusão do marxismo, com potencial pra engajar a classe trabalhadora em luta por sua emancipação, na EPC se trata de função da comunicação eminentemente relacionada ao papel do Estado como força extraeconômica e coercitiva central para o funcionamento e reprodução do sistema social, mascarando a desigualdade estrutural da sociedade de classes.

A importância política e social da causa palestina, juntamente à constatação de sua relevância para as organizações internacionalistas, fez com que tivéssemos maior atenção a este fenômeno. É sintomático da solidariedade internacionalista que caracteriza o histórico de lutas desde a Primeira Internacional, das disputas pelo legado da Quarta Internacional, que revela também uma dimensão importante da solidariedade Sul Global-Sul Global, ainda que parte significativa da Internacional Revolucionária Comunista esteja no Reino Unido. Essa é um aspecto que evidencia como, em perspectiva dialética, o Sul pode estar no Norte, e vice-versa.

Referências

ALBA MOVIMIENTOS. **Bases para la unidad en lucha de Nuestra América**. 2. ed. [S.l.]: ALBA Movimientos, abr. 2022.

ANDERSON, P. Internacionalismo: um breviário. **Anos 90**, [S. l.], v. 12, n. 21, p. 13–42, 2005. DOI: 10.22456/1983-201X.6367. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6367>. Acesso em: 14 maio. 2024.

BASTOS, Pablo Nabarrete. Dialética do engajamento: uma contribuição crítica ao conceito. **MATRIZES**, São Paulo, Brasil, v. 14, n. 1, p. 193–220, 2020. DOI: [10.11606/issn.1982-8160.v14i1p193-220](https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i1p193-220). Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/157540>. Acesso em: 18 fev. 2026.

BASTOS, Pablo Nabarrete. **Marcha dialética do MST: formação e comunicação política entre campo e cidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2021.

BASTOS, Pablo Nabarrete. Engagement and struggles for the common in Latin America: the discourses of popular organizations Via Campesina and ALBA Movements. **Interactions: Studies in Communication & Culture**, v. 13, n. 1, p. 69–85, 2022a. DOI: https://doi.org/10.1386/iscc_00053_1.

BASTOS, P. N. Hegemonia e engajamento em contexto de midiatização e plataformização. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. e6066, 2022b. DOI: 10.18617/liinc.v18i2.6066. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/6066>. Acesso em: 3 ago. 2023.

BASTOS, Pablo Nabarrete. Dialética da insularidade: Notas para compreensão da hegemonia popular. **Compolítica**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 99–120, 2023. DOI: 10.21878/compolitica.2023.13.1.561. Disponível em: <https://revista.compolitica.org/index.php/revista/article/view/561>. Acesso em: 2 out. 2024.

BASTOS, Pablo Nabarrete. Os níveis do comum e as disputas por hegemonia. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. e43812, 2024a. DOI: 10.15448/1980-3729.2023.1.43812. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/43812>. Acesso em: 18 set. 2025.

BASTOS, Pablo Nabarrete. **A batalha do engajamento: Crítica a partir da hegemonia e da Economia Política da Comunicação**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2025 (no prelo).

BASTOS, Pablo Nabarrete. Plataformas digitais: sistema de aparelhos e estruturas hegemônicas de mediação social. **MATRIZES**, 2026 (no prelo).

BASTOS, Pablo Nabarrete; MIANI, Rozinaldo Antonio; ENGELMANN, Solange Inês.; OLIVEIRA, Antônio Aline Costa de.; ALMEIDA, Guilherme Fumeo.; TEODORO, Talyta Elen Ferreira. **Comunicação, formação e socialização política na construção da hegemonia popular: as articulações globais de movimentos populares Via Campesina, CLOC-Via Campesina e ALBA Movimentos em contexto de midiatização, plataformização e crise política na América Latina**. In: *Activismos y movimientos Sociales. Experiencias, desafíos y proyecciones* 1a ed - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2024.

BASTOS, P. N.; MIANI, R. A. .; ENGELMANN, S. I.; COSTA DE OLIVEIRA, A. A. .; FUMEO ALMEIDA, G. .; FERREIRA TEODORO, T. E. . ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FRNANDES (ENFF): CELEIRO POLÍTICO DO INTERNACIONALISMO LATINO-AMERICANO. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 24, n. 49, 2026. DOI: 10.55738/alaic.v24i49.1266. Disponível em:

<https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1266>. Acesso em: 12 fev. 2026.

BENSAÏD, D. **Trotskismos**. Lisboa: Edições Combate, 2008.

BOLAÑO, C. R. S. **Indústria cultural, informação e capitalismo**. Hucitec/Pólis, 2000.

BOLAÑO, César; BARRETO, Helena Martins; VALENTE, Jonas Chagas Lúcio. Para a análise teórico-metodológica das plataformas digitais como estruturas de mediação a partir da Economia Política da Comunicação. **Avatares de la comunicación y la cultura**, n. 24, p. 1–20, 2022. Disponível em: <http://id.caicyt.gov.ar/ark:/s18535925/wdrcmrjxo>. Acesso em: 12 fev. 2026.

BRAZ, Marcelo. Lutas de classes, luta revolucionária e partido em Lenin: significado e atualidade do Que fazer?. In: DEO, Anderson; MAZZEO, Antonio Carlos; DEL ROIO, Marcos. **Lenin: teoria e prática revolucionária**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

DEAN, J. Communicative Capitalism: Circulation and the Foreclosure of Politics. **Cultural Politics: An International Journal**, 1(1), 51–74, 2005. doi:10.2752/174321905778054845.

DESMARAIS, Annete Aurélie. **A Via Campesina: a globalização e o poder do campesinato**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Expressão Popular, 2013.

DOURADO BASTOS, M.; MARTINS DE SOUZA, R.; CASAGRANDE FUSARO, W. Beemote Digital: a confusão entre propaganda e publicidade nas plataformas de redes digitais como expressão da crise imanente das formas sociais. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 480–506, 2023. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/28012. Acesso em: 25 jan. 2024.

FIGUEIREDO, Carlos; BOLAÑO, César. Social Media and Algorithms: Configurations of the Lifeworld Colonization by New Media. **The International Review of Information Ethics**, Edmonton, Canada, v. 26, 2017. Disponível em: <https://informationethics.ca/index.php/irie/article/view/277>. Acesso em: 3 jun. 2024.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

KREMER, Arkadi; MARTOV, Júlio. **Acerca do debate sobre agitação**. 1983. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/martov/1893/mes/90.htm>. Acesso em: 05 fev. 2026.

LÊNIN, V.I. **Que fazer?** Editora Hucitec: São Paulo, 1978.

LÖWY, M. Por um novo internacionalismo. **Lutas Sociais**, [S. l.], n. 5, p. 97–106, 2004. DOI: 10.23925/ls.v0i5.18897. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18897>. Acesso em: 13 maio. 2024.

MARX, Karl. 2007. **Mensagem Inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores**. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1864/10/27.htm>. Acesso em: 06 mar. 2023.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

MARIÁTEGUI, J. C. **Por um socialismo indo-americano**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

RÜDIGER, Francisco. **O mito da agulha hipodérmica e a era da propaganda**: 12 estudos de arqueologia do pensamento comunicacional. Porto Alegre: Sulina, 2015.

STÉDILE, João Pedro; CARVALHO, Horácio Martins de. Soberania alimentar: uma necessidade dos povos. In: RIBEIRO, Dionara S. et al. (org.). **Agroecologia na educação básica: questões propositivas de conteúdo e metodologia**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p. 135-151.

VIEIRA, Flávia Braga. **Via Campesina: um projeto contra-hegemônico?** s/d. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/terceirosimposio/flaviabraga.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**: 1780-1950. São Paulo: Editora Nacional, 1969.